

Índice

Introdução: Compreender	13
1. O Despertar Interior	23
2. <i>Shadows</i>	39
3. <i>O Conceito de Amor em Santo Agostinho</i>	49
4. Vida de Uma Judia	57
5. Viragem para a Política	71
6. «We Refugees»	77
7. Reclusão	89
8. Estado de Emergência	99
9. Transição	105
10. Amizade	115
11. Reconciliação	127
12. <i>As Origens do Totalitarismo</i>	135
13. <i>Amor Mundi</i>	147
14. <i>Entre o Passado e o Futuro</i>	155
15. <i>Eichmann em Jerusalém</i>	163
16. <i>Sobre a Revolução</i>	177
17. <i>Homens em Tempos Sombrios</i>	187
18. <i>Crises da República</i>	195
19. <i>A Vida do Espírito</i>	203
20. Contar Histórias	219
Notas	223
Bibliografia Seleccionada	237
Agradecimentos	241
Agradecimentos pelas Fotografias	243



Hannah Arendt, anos 1940, fotografada por Fred Stein

Introdução: Compreender

Manipulamos a massa,
Até nos qualificarmos para pérolas,
Então, pomos de parte a massa,
E julgamo-nos néscios.
As formas, porém, eram idênticas,
E as nossas novas mãos
Aprenderam a tática das gemas,
Praticando na areia.

Emily Dickinson¹

«Qual é o assunto do nosso pensamento? Experiência! Nada mais!», exclamou Arendt em 1972, numa conferência sobre «A Obra de Hannah Arendt», que fora organizada pela Associação para o Estudo do Pensamento Social e Político de Toronto. Fora solicitada para assistir à conferência como convidada de honra e em vez disso insistiu em participar.

A obra de Hannah Arendt é, de vários modos, acerca do pensamento. No seu *Denktagebuch* (diário do pensamento), pergunta: «*Gibt es ein Denken das nicht Tyrannisches ist?*» (há alguma forma de pensamento que não seja tirânica?) No início de *A Condição Humana*, postula: «O que proponho, portanto, é muito simples: nada mais do que pensar no que estamos a fazer.»² Quando fez a cober-

tura do julgamento de Adolf Eichmann, em Jerusalém, para o *New Yorker*, concluiu que Eichmann não tinha capacidade para se entregar ao pensamento reflexivo, a fim de imaginar o mundo a partir da perspectiva do outro. A última obra de Arendt, *A Vida do Espírito*, começa por uma dissertação sobre «Pensar».

Mas, para Hannah Arendt, pensamento e experiência andam de mãos dadas, e poucas dúvidas existem de que foi a situação social e política do século xx que moldou a sua vida e a sua obra. Nascida na Alemanha em 1906, no seio de uma próspera família judia laica, Arendt percebeu desde tenra idade que era diferente, uma estranha, uma rebelde, ou, como mais tarde chegaria a dizer, uma pária e uma fora da lei. Os factos da sua vida não desmentem essa afirmação. Foi expulsa do seu ginásio quando tinha catorze anos, por liderar um protesto contra um professor que a ofendera. Quando o seu primeiro marido, Günther Anders, abandonou Berlim, em 1933, ela ficou e transformou o apartamento de ambos num refúgio secreto para apoiar os comunistas que fugiam do país. No mesmo ano foi presa pela Gestapo, por recolher exemplos de propaganda antisemita na Biblioteca Estatal da Prússia. Fugiu para Paris, onde aprendeu francês e estudou hebraico, ao mesmo tempo que trabalhava com a Youth Aliyah, com o objetivo de ajudar a juventude judia a emigrar para a Palestina. Quando tinha 33 anos, esteve detida em Gurs, no Sul de França, durante cinco semanas, até que participou numa fuga em massa. Emigrou para os Estados Unidos no verão de 1941, onde trabalhou como governanta para aprender inglês, antes de começar a escrever para vários jornais judeus. Arranjou emprego junto da Associação para os Assuntos Judaicos, com o objetivo de auxiliar famílias e organizações judaicas a reclamar os bens que lhes haviam sido roubados, e lecionou cursos de História da Europa, tudo isso enquanto escrevia a primeira das suas obras mais notáveis, *As Origens do Totalitarismo*.

A escritora americana Mary McCarthy, sua grande amiga, descreveu-a como «uma magnífica diva cénica»³. O filósofo alemão Hans Jonas disse que ela possuía «uma intensidade, uma orientação interior, uma qualidade instintiva, um tatear do essencial, um tentear da profundidade, que lhe dão uma certa magia»⁴. Julia Kristeva, uma

filósofa búlgaro-francesa, escreveu: «Muitos dos contemporâneos de Arendt falaram da sua sedução feminina; os dos salões de Nova Iorque ensimesmavam-se com a “petulante de Weimar”.»⁵ O dramaturgo Lionel Abel chamava-lhe «Hannah Arrogante»⁶. O FBI descreveu-a como «uma mulher pequena, rechonchuda, de ombros descaídos, com um corte de cabelo masculino, voz máscula e uma inteligência admirável»⁷. Talvez o mais difícil de compreender acerca de Hannah Arendt seja o facto de, na opinião de todos, ela ser *sui generis*. Absolutamente incomparável.

No autorretrato juvenil, *Die Schatten* (As Sombras), Hannah Arendt descreve a sua sede de experiência mundana como se estivesse «prisioneira de um anseio ardente». O que a orientou para a sua obra desde muito jovem foi um desejo insaciável de experimentar e compreender a vida.⁸ Como mais tarde diria, a tarefa da compreensão, ao contrário da urgência de saber, exige uma entrega permanente à atividade de pensar: requer que uma pessoa esteja sempre pronta a começar de novo.

Em muitos sentidos, Arendt tornou-se escritora por acidente. Afirmou que escrevia para se lembrar do que pensou, para recordar aquilo que valia a pena ser recordado, e que a escrita era parte integral do processo de compreender. Isso é evidente em toda a extensão dos seus diários e das suas obras publicadas, nos quais se ocupou daquilo a que chamava «exercícios do pensamento». No seu prefácio a *Entre o Passado e o Futuro: Oito Exercícios Sobre o Pensamento Político*, escreveu que «o próprio pensamento nasce de incidentes da experiência de viver, e deve ficar ligado a eles como a única seta indicadora de direção pela qual nos podemos orientar». Para ela, os exercícios do pensamento eram uma forma de se entregar à tarefa de compreender e um modo de se libertar da educação que tivera, segundo os moldes da tradição filosófica alemã.

Depois do incêndio do Reichstag, em 1933, Arendt deixou o mundo da filosofia académica para se dedicar à tarefa do pensamento político. Espantou-se com o modo como os «pensadores profissionais» haviam ficado cegos perante o surgimento do nacional-socialismo na Alemanha e contribuído para a nazificação das instituições culturais e políticas. Em vez de protestarem contra a instauração do

regime de Hitler, foram arrastados pela corrente da história. Ela rejeitou esse *milieu* e disse que «nunca voltaria a envolver-se em nenhum tipo de trabalho intelectual»⁹. À pergunta que escrevera no seu diário do pensamento, «Há alguma forma de pensamento que não seja tirânica?», seguiu-se a afirmação: «A questão é como podemos evitar de todo ser levados pela corrente.»¹⁰ O pensamento, como atividade, não é exclusivo de um mundo rarefeito de filósofos profissionais. Disse que «intelectual» era uma palavra odiosa. Defendia que toda a gente era capaz de se dedicar ao pensamento crítico reflexivo, e que era necessário fazê-lo se tivéssemos de resistir à corrente do pensamento ideológico e afirmar uma responsabilidade pessoal em presença do fascismo.

Arendt não falava muito sobre a sua metodologia. O seu pensamento político não partia de um predeterminado ponto de análise. Não tinha regras fixas. Não escrevia para resolver problemas políticos de natureza prática, nem escrevia filosofia sistemática teorizando conceitos como a verdade, a beleza ou o bem. O seu trabalho era espiritualmente socrático — baseado no diálogo, aberto à contradição e sempre a voltar ao início. Num seminário que lecionou em 1955, sobre «História da Teoria Política», começou por dizer que os conceitos não são finalidades em si, mas sim mananciais a partir dos quais damos início à tarefa de pensar. A implicação que isso tem é que não pode existir algo como «a verdade», porque «a verdade» tem de ser constantemente repensada a partir do ponto de vista das nossas experiências mais recentes.

No seu ensaio *Walter Benjamin*, define esse modo de pensar como «pescar pérolas», inspirando-se em *A Tempestade*, de Shakespeare (Ato I, cena 2):

No fundo, a cinco braças, teu pai jaz;
 Já de seus ossos o coral nasceu;
 De seus olhos pérolas o mar faz:
 Nenhuma parte dele se perdeu,
 Pois transformou-o a ação do mar
 Em algo valioso e singular.

A obra de Arendt lida com estes elementos do passado depois de eles terem sido sujeitos à «ação do mar». Não podemos olhar para o passado em busca de analogias para o presente, nem com a intenção de encontrar qualquer encadeamento causal e linear de raciocínio que explique um acontecimento histórico, como o surgimento do totalitarismo. «Pescar pérolas» é uma forma de abordar a história que é fragmentária, para que possamos trazer à tona aquelas gemas valiosas e singulares, capazes de proporcionar alguma iluminação.

Para Arendt, a tarefa de pensar e compreender requer solidão. Traçou uma distinção firme entre as quatro paredes do domínio privado e o espaço público das aparições. E houve nela, desde muito jovem, uma tensão entre a sua apetência para a solidão e o seu desejo de reconhecimento. Até a leitura de um livro, considerava, exige um certo grau de isolamento. Para nos dedicarmos à atividade de pensar, devemos afastar-nos da luz austera do público, para sentirmos o diálogo silencioso do pensamento. Chamou a esse diálogo o «dois-em-um»: a conversa que temos connosco. Pensar também é um processo para compreendermos os nossos motivos, é um conhecimento de nós próprios. Quando experienciamos o diálogo silencioso do pensamento, o ego que pensa divide-se em dois e, quando reaparecemos ao mundo, o ego recompõe-se num só. Nesse espaço de pensamento, uma pessoa é capaz de se confrontar com as suas experiências e as suas crenças, e com aquilo que pensa que sabe. Dizia ela que «a ideia de que existem pensamentos perigosos está errada, pela simples razão de que pensar, em si mesmo, é perigoso para todas as crenças, convicções e opiniões».

Isso não é tarefa fácil. Não é coincidência os exercícios de pensamento de Arendt conterem uma conotação de perigo. Experiência e experimentação partilham a raiz etimológica com *experiri* (tentar), relacionada com *periculum* (perigo). Talvez fosse nisso que ela estava a pensar, quando disse: «Não há pensamentos perigosos; pensar, em si mesmo, é que é perigoso.»¹¹ A atividade de pensar, de conseguir compreender o mundo, tem o poder de desorganizar tudo aquilo em que possamos acreditar. Pensar tem o poder de nos dismantelar.

Hannah Arendt rejeitava todas as formas de pensamento ideológico. Não se identificava com nenhuma escola de pensamento ou

doutrina filosófica em particular. A sua vida e obra proporcionam aos leitores uma forma de pensamento que os ensina a pensar, em vez de lhes oferecer uma série de argumentos sobre os quais meditar. Em consequência disso, muitos leitores de Arendt tentaram enquadrá-la numa ou noutra tradição política, o que é irónico, uma vez que a sua abordagem à compreensão constitui uma rejeição total dessa forma de pensar. Compreender nada tem a ver com a produção de «informação correta e conhecimento científico», é «um processo complicado». E é só através dessa interminável atividade de pensar que podemos «chegar a acordo e reconciliar-nos com a realidade». É assim, advoga, que fazemos do mundo a nossa casa.¹²

Numa carta para Roger Errera, do verão de 1967, escreve: «É claro que é sempre agradável ser-se elogiado. Mas na verdade não é essa a questão, é muitíssimo mais agradável ser-se compreendido.»¹³ Talvez devêssemos perguntar se Hannah Arendt foi compreendida.

Em anos recentes, muita gente procurou a sua obra para tentar compreender a crise política que enfrentamos hoje — o declínio da democracia liberal, a disseminação de notícias falsas, o surgimento da esfera social, o triunfo da tecnologia, a perda do domínio privado e a experiência da solidão de massas, só para citar alguns. O que existe na escrita de Arendt que ressoa junto de tanta gente ainda hoje? Porque continuamos a voltar-nos para ela quando queremos compreender a situação política do século XXI?

Aposto que é porque ela não hesitou em olhar para o passado, não à procura de analogias, mas sim daquelas gemas, valiosas e singulares, capazes de nos ajudar a compreender as nossas experiências mais recentes através de um novo prisma. Como todos os grandes pensadores políticos, estava preocupada com os problemas do seu tempo — o fenomenal aparecimento do totalitarismo, a política da revolução, a perda de fé no governo, a necessidade de democracia participativa, o declínio da cultura, o problema do mal. Questões que não eram novas, mas que se apresentam a cada geração de uma nova maneira, que requer compreensão.

Há também uma abertura radical nos textos de Arendt que convida à interpretação e ao jogo. Ela era uma pensadora poética. Alguns

chamaram-lhe uma «também» pensadora.¹⁴ Nas palavras de um amigo seu, o cientista político Hans Morgenthau, «a sua mente funcionava de uma maneira não diferente da mente poética, que cria afinidades, que descobre relações que parecem óbvias mal são formuladas, mas em que ninguém havia pensado antes de o poeta as ter formulado». Ela sabia que o sentido era maleável e que tinha de ser formulado através da narração de histórias. Queria encontrar uma nova linguagem para dar voz a um novo século de fenómeno político, e fê-lo libertando-se da tradição, a fim de reunir filosofia, teologia, teoria política, literatura e poesia em novas constelações.

Arendt não era uma mulher supersticiosa. Não dava grande importância a oráculos e adivinhos. Nem sequer acreditava no mito do progresso. O interesse dela era o aqui-e-agora, a vida quotidiana das pessoas comuns. Em vez de organizar as nossas vidas e a política em torno de qualquer ideia de um futuro que pode sempre ser melhor, achava que devíamos aceitar o bem.

Era exigente, implacável e obstinada. Não era feminista, marxista, liberal, conservadora, democrata ou republicana. Amava o mundo e aceitava aquilo que entendia serem os elementos fundamentais da condição humana: nós não existimos sozinhos, somos todos diferentes uns dos outros, aparecemos e um dia desapareceremos. Entre esses dois momentos, existimos num espaço de transição e temos de nos interessar pela terra e de construir o mundo em comum.

O amor de Arendt pelo mundo requer que aceitemos a condição humana. Requer também que os mortais encontrem um modo de ver o mundo com todo o seu sofrimento e de amá-lo mesmo assim. Isto não é um mandamento fácil. Platão decretou que é melhor sofrer o mal do que causá-lo. Kant deu-nos o imperativo categórico de querermos que as nossas ações estejam em conformidade com o bem de todos os homens, argumentando que o único bem é um desejo bom. Mas, quando o dinheiro faltava, os pensadores profissionais falhavam, o estado-nação falhava e a filosofia era incapaz de lutar contra a corrente do fascismo. Por isso, Arendt cortou relações com a tradição. Gostava de citar o poeta francês e combatente da resistência, René Char, que disse: «A nossa herança não nos foi deixada em testamento.»